

MANIFESTAÇÃO DE VIOLÊNCIA ENTRE ALUNOS DA ESCOLA JOÃO BATISTA, ITAPETINGA - BA¹.

Soneilson dos Santos Costa (1);

Aluno da Graduação, Licenciatura em Pedagogia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – soenilson santos@hotmail.com

Sara Viana (2);

Aluno da Graduação, Licenciatura em Pedagogia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – sara

Maria de Fátima de Andrade Ferreira (3)

Doutora em Educação

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – mfatimauesb@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa analisou manifestação de violência (tipos/atos) entre alunos na Escola Pública Municipal João Batista, Itapetinga – BA, observando de que modo interferem nas relações de convivência entre eles (agressores/vítimas) e que medidas a escola tem adotado para combater o fenômeno no contexto escolar. Para compreender definições de violência e observar o cotidiano escolar, tomamos como referência as contribuições de Abramovay (2009), Charlot (2002), dentre outros, entrelaçando-as aos aportes teóricos de Bourdieu (1998) para identificar, sistematizar e interpretar violências geradas por alunos na escola. Os resultados da pesquisa descritiva e qualitativa indicam que manifestações de violência entre alunos, pelo que foi percebido, são diversas e as ocorrências mais frequentes são do tipo violência física, simbólica e verbal e a violência institucional ou contra o patrimônio público são situações presentes e indicam que a escola deve buscar estratégias eficientes para resolver o problema.

Palavras-Chave: Manifestação de Violência. Tipo de Violência. Cotidiano Escolar

Introdução

A presente pesquisa analisou manifestações de violência entre alunos na Escola Pública Municipal João Batista, Itapetinga – BA, observando tipos/atos de violência que mais afetam o cotidiano escolar, de que modo interferem nas relações de convivência entre alunos (agressores/vítimas da violência no contexto escolar) e medidas estão sendo adotadas (ou não) pela escola para combater o problema.

A violência é motivo de preocupação da família, escola e sociedade de modo geral e, hoje, amplamente divulgada pela mídia assusta a todos. A escola se tornou campo de violências de diferentes tipos, como depredação, roubos, espancamentos, *bullying*, assassinatos, brigas e outros.

¹ Esta pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UESB) faz parte das atividades de pesquisa do Projeto Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola – olhar, pensar e agir sobre a formação de valores, atitudes e permanência do aluno na sala de aula (FAPESB/UESB), sob a Coordenação da Professora Doutora Maria de Fátima de Andrade Ferreira (UESB), do Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares (UESB).

Em Abbagnano (2003), violência, do latim *violentia*, ação contrária à ordem moral, jurídica, política e para conceituá-la, como diz Abramovay (2009), depende do contexto histórico e sociocultural, localidade, o que lhe atribui dinamismo próprio da vida social. As causas e consequências de manifestações de violência entre alunos na escola tem se configurado como um problema muito sério, inclusive porque a violência social tem se diversificado no espaço escolar.

A partir desse entendimento e participação no projeto “Violência, Paz e Direitos Humanos na Escola”, da disciplina “Escola, Violência e Educação em Direitos Humanos”, no curso de Pedagogia, surgiu o desejo de investigar manifestações de violência entre alunos na escola. O número expressivo de relatos de professores (as) de escolas do Ensino Fundamental e constatações preliminares nos conduziram a fazer alguns questionamentos sobre casos de violência, como por exemplo, porque os alunos agem com violência uns contra os outros. A intenção de identificar e problematizar manifestações de violência presentes no cotidiano escolar nos levou a delinear estratégias entrelaçadas ao aporte teórico de Bourdieu (1989, 1990) e percursos da análise descritivo-qualitativa (GIL, 2002) para identificar, sistematizar, interpretar manifestações de violência por alunos.

Ao que tudo indica, a escola encontra dificuldades de buscar estratégias para combater violências que se diversificam, multiplicam entre alunos nos espaços escolares.

Revisão de Literatura

Violência, ato de brutalidade, abuso físico, psíquico, moral contra pessoas ou grupos sociais é um termo de difícil definição, compreender o fenômeno da violência não é tarefa simples, o próprio termo violência na sua complexidade já nos chama atenção para a necessidade de uma análise atenta sobre suas mais variadas concepções, definições e classificações. Portanto, exige contextualização histórica, social e de sua localização e espaço, no qual se manifesta e ocorrências.

Para Abramovay (2009), não apenas a aflição física deve ser enquadrada como violência, diante do fato de que a dor é objetiva, mas também subjetiva, além de poder ser sentida em situações em que a materialidade do corpo não é afetada. A violência não deve ser compreendida como realidade factual, ela pode surgir na vida das pessoas como uma espécie de ameaça constante, de conflitos. Ela permeia o cotidiano, mas nem sempre se fundamenta em atos ou crimes reais: a violência é, também, algo que paira sobre os indivíduos como uma espécie de sentimento de insegurança. Debarbieux (2002) fala da dinâmica dessas ocorrências e permite uma apropriação de mecanismos poderosos de enfrentamento do fenômeno da violência, ressaltando que a construção

de como se define a violência escolar deve ocorrer a partir das particularidades de um determinado contexto. Para Ferreira (2013) conflito significa contradição, oposição ou luta de princípios, propostas/attitudes e o ambiente escolar é caracterizado por grupos de pessoas com variados hábitos, comportamentos, attitudes e das mais variadas idades e gerações e, sem dúvida, esses múltiplos elementos e interações de convivências devem levar em consideração a atenção que se deve ter ao se pensar a dinâmica que ocorre nas escolas, pois o espaço escolar é a representação das relações sociais vigentes. A compreensão de relações de poder e dinâmica de dominação e autoritarismo no cotidiano social, segundo Ferreira (2015), tem seus reflexos no cotidiano escolar e permite observar uma relação entre essas práticas e algumas formas de violência presentes no cotidiano escolar. Essas formas estão presentes na casa, rua, família, política, comunidade local e escolar.

No entanto, a preocupação com o combate a essa questão tem sido com frequência muito baixa e o tratamento dado ao fenômeno da violência nas escolas por parte da imprensa tem sido abordado de forma banalizada. Debarbieux (2002) alerta que o destaque dado pela imprensa aos poucos casos graves que ocorrem acaba criando uma sensação de insegurança generalizada e de perigo constante nas escolas que, por sua vez, justifica a aplicação de medidas punitivas cada vez mais rigorosas. Ao mesmo tempo, a constante preocupação com esses crimes, como dito anteriormente, de frequência bastante baixa, acaba desviando a atenção de toda a comunidade escolar dos casos mais sutis, esses sim, mais constantes e prejudiciais ao cotidiano da escola. Outra preocupação é com o vandalismo no ambiente escolar, que se manifesta pela depredação, desperdício, “quebra-quebra”, além do desrespeito e da desmoralização que ocorrem em diferentes espaços da escola, na relação entre alunos, professores-alunos e vice-versa.

Resultados e Discussões.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Batista, Itapetinga-BA, entre 2015-2016, com participação de 257 alunos (120 do sexo feminino e 137 do masculino), uma diretora e uma coordenadora pedagógica. O percurso metodológico utilizou análise descritiva e qualitativa (GIL, 2002) para analisar manifestações de violências, com aprofundamento teórico sobre violência (ABRAMOVAY, 2009; CHARLOT, 2002) que permitiu maior aproximação do pesquisador com o tema.

A coleta de dados foi realizada na própria escola com observação direta e sistemática para acompanhar ocorrências no cotidiano escolar, conversas informais com participantes; registro fotográfico, representação gráfica com alunos. O estudo do cotidiano permitiu captar o acontece

dentro da escola sem desvincular a práxis mais ampla (ANDRÉ, 1995), desenvolvendo-se através de perspectiva e referencial de apoio de referências iniciais ampliadas/modificadas no decorrer do estudo. As vivências cotidianas foram registradas na dinâmica de sensibilização, registros fotográficos, desenhos dos alunos do 2º e 3º sobre o tema. O desenho permitiu abstrair informações que, na linguagem oral, o aluno não seria capaz de apresentar e contribuiu para entender a dinâmica do cotidiano/manifestações de violência entre eles. O registro fotográfico permitiu registrar ocorrências da violência no cotidiano. A coleta de dados seguiu a classificação: violência da/na/contra a escola. Se a violência na escola “não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que, estas sim, são novas”, diz Charlot (2002, p. 433).

A escola tem 5 salas de aula e funciona no turno matutino e vespertino, a maioria de seus alunos moram nos bairros circunvizinhos ao Jardim das Palmeiras, onde ocorrem brigas de rua entre vizinhos, traficantes, roubo, latrocínios, prostituição e outros. A violência é um problema para a escola, os prejuízos são visíveis, gangues/galeras atingem o cotidiano escolar, sem precedentes. A análise interpretativa de observação e de conversa informal permitiu identificar que furto/roubo contra professoras é “comum”. Por isso, têm medo de transitar na área externa da escola. Ana diz: “Não me sinto segura”. O patrimônio público é tratado com atos de violência. O pátio interno destinado ao recreio e outras ações coletivas é ocupado por cadeiras quebradas (FIGURA 1).



FIGURA1: cadeiras quebradas no pátio da escola
Fonte: arquivo do Pesquisador

A violência chegou e se instalou na escola, causa medo, insegurança, conflitos, depredação “mal-estar” aos que chegam/convivem com a escola. Durante conversa informal com a Diretora, “Os alunos quebram muitas cadeiras, não tem cuidado com nada, destroem tudo”. Ela diz: “Já solicitei a retirada dessas cadeiras do pátio escolar”. Foi possível ver após dez dias que tudo permanecia como antes e, no retorno em julho/2016, após a greve, as cadeiras continuaram no mesmo lugar. Foi possível perceber que o recreio foi negado aos alunos e na sala de aula, com

frequência, perguntam à professora: “Vai ter intervalo hoje?” A escola não permite recreio aos alunos, impedindo-os de brincar, socializar, conversar, interação entre eles. A violência urbana, presente nas interações, vida dos alunos, como foi possível perceber na representação gráfica e relato de Joaquim: - [...] um homem atirando na menina, perto da minha casa.



FIGURA 2: Joaquim, 10 anos de idade.
Fonte: arquivo do pesquisador



FIGURA 3: Joaquim, 10 anos de idade.
Fonte: arquivo do pesquisador

A Figura 3 retrata o roubo com porte de arma de fogo nas proximidades da escola. Os tipos/atos de violência que mais afetam o cotidiano escolar são a violência física, verbal e psicológica e interferem nas relações de convivência entre alunos produzindo novos agressores e vítimas da violência no contexto da escola pesquisada. Na sala de aula e noutros espaços da escola, nos recreios, as manifestações de agressões físicas, verbais, simbólicas, psicológicas e, também, as depredações do patrimônio e de equipamentos, o uso e o tráfico de drogas, o *bullying*, dentre outros tipos de violência trazem diferentes consequências no cotidiano escolar e, principalmente para o aluno, inclusive tem influenciado o aumento de casos de repetência, evasão e abandono escolar.

Conclusão

Os resultados indicam que as manifestações de violência entre alunos são diversas e as ocorrências mais frequentes são do tipo violência física, simbólica e verbal, a manifestação da violência institucional e contra ao patrimônio público são situações também presentes no cotidiano escolar e que a escola e professores devem, juntos, buscar estratégias eficientes para resolver.

Como também, foi possível verificar que a violência urbana se manifesta em acidentes de trânsito, atropelamentos, brigas de rua, questões de gênero, assaltos a mão armada, a maioria (75%), com armas de fogo e essas manifestações adentram a escola, estão presentes no imaginário dos alunos e nas suas representações e a escola e seus professores ainda não encontraram estratégias ao combate à violência no cotidiano escolar.

A escola ao que tudo indica ainda não encontrou caminhos possíveis e nem adotou medidas e/ou estratégias para que esse problema seja combatido nos espaços escolares e relações de convivência entre alunos e encontra dificuldades para apresentar estratégia capaz de minimizar as manifestações de violência que se diversificam e multiplicam nos seus espaços de relações de interações entre alunos, alunos e professores, e, do mesmo modo, os sujeitos envolvidos, vítimas, agressores e/ou expectadores sofrem as consequências e expressões do fenômeno, resultados de suas próprias ações, da expressão natural de agir pensar e ser.

Referências

ABBAGNANO, Nicola, 1991-1990. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi, revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Beneditte. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRAMOVAY, Miriam (Coord). **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lúcia; CALAF, Priscila Pinto. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, no 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

DEBARBIEUX, Eric. “Violência nas escolas”: divergências sobre palavras e um desafio político. In DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 59-87.

FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. A banalização da violência na escola. In **Anais do XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**. Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 23 a 26/09/2013. Curitiba, PR: PUCPR/CIERS – Ed., 2013.

_____. Uma reflexão sobre o autoritarismo e a violência na educação no Brasil: mitos e antecedentes. In **Revista Actas**. Actas del Tercer Congreso de Filosofía de la Educación. v. 3. 2015. Cidade do México: UNAM, 2015. p. 43-6. Disponível em:
<http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/61> Acesso em: 30 de julho de 2016

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.